



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

KELLINNE SILVA MILHOMEM

**CRENÇAS DE PROFESSORES SOBRE O USO DE TECNOLOGIAS NA SALA DE  
LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO DE CASO**

Araguaína - TO

2019

**KELLINNE SILVA MILHOMEM**

**CRENÇAS DE PROFESSORES SOBRE O USO DE TECNOLOGIAS NA SALA DE  
LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO DE CASO**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Letras/Inglês, da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Câmpus Araguaína, como pré-requisito para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: Profa. Me. Silvana Fernandes de Andrade.

Araguaína - TO

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

M644c Milhomem, Kellinne Silva.

Crenças de professores sobre o uso de tecnologias na sala de Língua Inglesa: um estudo de caso. / Kellinne Silva Milhomem. – Araguaína, TO, 2019.

42 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Inglês, 2019.

Orientador: Silvana Fernandes de Andrade

1. Tecnologias. 2. Crenças. 3. Ensino e aprendizagem. 4. Língua Inglesa. I. Título

**CDD 420**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

KELLINNE SILVA MILHOMEM

**CRENÇAS DE PROFESSORES SOBRE O USO DE TECNOLOGIAS NA SALA DE  
LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO DE CASO**

Monografia avaliada e apresentada à UFT-  
Universidade Federal do Tocantins- Campus  
Universitário de Araguaína, Curso de Letras  
para a obtenção do título conclusão do curso e  
aprovada em sua forma final pela Orientadora e  
pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação, 02 / 07 / 2019

Banca examinadora:

Silvana Fernandes de Andrade

Profa. Me. Silvana Fernandes de Andrade, orientadora, UFT

Elisa Borges Alcântara de Alencar

Profa. Dr.a. Elisa Borges Alcântara de Alencar, examinadora, UFT

Fábio Nascimento Sandes

Prof. Me Fábio Nascimento Sandes, examinador, UFT

Araguaína- TO

2019

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse. À minha orientadora Profa. Me. Silvana Fernandes de Andrade, pelo empenho, dedicação e todo suporte de orientação para a elaboração deste trabalho. A todos os professores do curso de Letras por colaborarem para o conhecimento que adquiri nessa universidade.

A minha família, por todos momentos difíceis que passamos juntos nesse período e, em especial, ao meu irmão Yonggy que, mesmo não estando mais conosco, sei que se encontra no céu me guiando e torcendo por mim. Ao meu namorado, pela ajuda, apoio, compreensão e toda paciência com os momentos de ausência.

Agradeço aos meus amigos que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida.

E por fim, a todos que de alguma forma contribuíram nesse processo.

MILHOMEM, Kellinne Silva. **Crenças de professores sobre o uso de tecnologias na sala de Língua Inglesa: Um estudo de caso.** Trabalho de pré-requisito para a conclusão da disciplina de TCC II. Curso de Licenciatura em Letras-Língua Inglesa e Literatura. Universidade Federal do Tocantins- UFT, 2019.

### **RESUMO**

O presente trabalho de conclusão de curso tem por objetivo investigar algumas crenças sobre o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na sala de aula de Língua Inglesa (LI) através de um estudo de caso. Os objetivos específicos se desdobram em identificar como a utilização da tecnologia pode proporcionar melhorias no ensino; citar crenças de professores sobre o ensino e aprendizagem de língua; verificar a impressão dos professores em incluir a tecnologia em suas aulas. Haja vista a necessidade de inserir a tecnologia em sala de aula, pois se sabe que ela favorece o desempenho e engajamento dos alunos, nos ancoramos BARCELOS (2007), KUMARAVADIVELU (2006), LEFFA (2006), PAIVA (2017), ROJO (2013) e SILVA (2007). A pesquisa é de abordagem qualitativa, tendo sido entrevistadas duas docentes de uma escola estadual da cidade de Araguaína, Tocantins. Foram utilizados questionários com perguntas abertas e fechadas e os resultados apontam, para uma reflexão sobre o uso das tecnologias em sala de aula de LI, sobretudo para importância da capacitação docente.

**Palavras-chaves:** TICs. Ensino e aprendizagem de Língua Inglesa. Crenças.

MILHOMEM, Kellinne Silva. **Crenças de professores sobre o uso de tecnologias na sala de Língua Inglesa: Um estudo de caso.** Trabalho de pré-requisito para a conclusão da disciplina de TCC II. Curso de Licenciatura em Letras-Língua Inglesa e Literatura. Universidade Federal do Tocantins- UFT, 2019.

### **ABSTRACT**

The present course conclusion paper has the aim at investigating some beliefs about the use of Information and Communication Technologies in an English classroom through a case study. The specific objectives are to identify how the use of technology can provide improvements in teaching; citing teacher beliefs about language teaching and learning; check the impression of teachers in including technology in their classes. Given the need of inserting technology in the classrooms, since as known, its benefits students' output and commitment, we anchor BARCELOS (2007), KUMARAVADIVELU (2006), LEFFA (2006), PAIVA (2017), ROJO (2013) e SILVA (2007). This is a qualitative approach, having two teachers from a public school in Araguaína, Tocantins interviewed. Were used surveys containing open and closed questions, and the results have led us to a reflection about the use of technologies in English classrooms, mainly to the importance of teachers teaching training in this area.

**Key-words:** ICTs. English Language Teaching and learning. Beliefs.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Uso dos recursos tecnológicos na sala.....	27
Tabela 2 – Ferramentas usadas pelas professoras .....	28
Tabela 3 – Capacitação para trabalhar com tecnologias.....	28
Tabela 4 – Frequência de uso no laboratório.....	29
Tabela 5 – Números de computadores no laboratório.....	29
Tabela 6 – Motivação da escola para o uso das TICs.....	29
Tabela 7 – As tecnologias no planejamento das aulas.....	30
Tabela 8 – Aprendizagem dos alunos.....	30



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

LA	Linguística Aplicada
LE	Língua Estrangeira
LI	Língua Inglesa
TICs	Tecnologia da Informação e Comunicação

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. A GLOBALIZAÇÃO: CONCEITOS E DESDOBRAMENTOS NO CENÁRIO EDUCACIONAL ..	11
2.1. As TICs na relação com a aprendizagem de Língua Inglesa .....	14
2.2. Crenças sobre o ensino de línguas .....	21
3. MATERIAIS E MÉTODOS (METODOLOGIA) .....	24
4. RESULTADOS .....	27
5. CONCLUSÃO .....	32
REFERÊNCIAS.....	35
ANEXOS .....	37

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho destaca a importância do uso das TICs (Tecnologia da informação e comunicação) na sala de aula de Língua Inglesa, isso se enfatiza pela necessidade do uso tecnológico no ambiente escolar.

O interesse por esse tema ocorreu a partir do início do Estágio Supervisionado nas escolas públicas, onde eu pude observar a ausência do uso das tecnologias na sala de aula. Ao perceber isso, fiquei interessada em investigar as dificuldades e as crenças em relação a utilização dos meios digitais na sala de aula por achar necessário incluir no ensino. Tenho ciência de que muitas vezes os professores e professoras podem apresentar algumas dificuldades em face desse tema. Devido ao fato de ser algo novo, muitos professores não tem o hábito de usar ou apresentam dificuldades no manuseio, ou esses recursos não são muito acessíveis.

A presente pesquisa trata do tema sobre crenças de professores sobre o uso de tecnologias na sala de Língua Inglesa, exclusivamente em escola da rede pública.

O objetivo geral desse trabalho foi investigar algumas crenças sobre o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na sala de Língua Inglesa (LI). Os objetivos específicos se desdobram em identificar como a utilização da tecnologia pode proporcionar melhorias no ensino; citar crenças de professores sobre o ensino e aprendizagem de línguas; verificar a impressão dos professores em incluir a tecnologia em suas aulas.

Notei que as escolas possuem essa carência de utilizar as TICs, e isso justifica a elaboração desse trabalho. As crenças que existem em relação ao uso das TICs é tema que Silva (2007) dizia ser carente de maior detalhamento. De fato, sabemos que vivemos em uma época em que elas estão inseridas no nosso cotidiano, e percebo a necessidade de empregá-las com mais frequência pois elas fazem com que os alunos fiquem empenhados. Fazer o professor olhar de maneira diferente e atribuir isso como algo favorável à prática de ensino, penso, pode colaborar na aprendizagem.

Para melhor entendimento desses aspectos que colaboram para a inclusão das tecnologias na sala de aula, serão apresentados os procedimentos metodológicos aplicados para a elaboração deste trabalho. Posteriormente, serão detalhados os dados e a análise dos resultados do estudo de caso por meio de questionários aplicados com duas professoras.

Para elaboração dessa pesquisa foram utilizados como referências os autores Barcelos (2007), Kumaravadivelu (2006), Leffa (2006), Paiva (2017) e Silva (2007), mais recorrentemente.

Dessa forma, a presente monografia subdivide-se em três seções principais: A primeira seção intitulada “**A Globalização: Conceitos e desdobramentos no cenário educacional**”, demonstra a conceituação da globalização e a mudança que vem ocorrendo no mundo, conseqüentemente com as tecnologias. Então, a importância de inseri-las na sala de aula é indispensável, já que possui mecanismos facilitadores para o ensino. Buscando apresentar essa relação entre tecnologia e o ensino de LI (Língua Inglesa), mencionamos um aplicativo criado para o aprendizado da língua, por meio do recurso tecnológico *smartphone*. Ênfase também as crenças de alguns autores dirigidas ao estudo de línguas, colocando em evidência a importância e se realmente vale a pena praticá-las no ensino e aprendizagem.

O segundo capítulo “**Materiais e métodos (metodologia)**” apresenta o meio utilizado para o estudo de caso, a sua definição. A forma de abordagem de pesquisa é qualitativa, que busca melhor o que os pesquisadores têm a demonstrar em relação as questões apresentadas. Neste capítulo também mostra a forma com que foi aplicada a pesquisa para as professoras.

O terceiro capítulo, por conseguinte, “**Resultados**”, aborda os resultados alcançados da pesquisa em, uma pequena amostra, um recorte de como as professoras pensam e agem na sala de aula em meio à utilização das tecnologias.

## 2. A GLOBALIZAÇÃO: CONCEITOS E DESDOBRAMENTOS NO CENÁRIO EDUCACIONAL

Segundo Kumaravadivelu (2006), a globalização de que tanto se fala tem significados múltiplos, que variam com os indivíduos e a época em que vivem. As possibilidades de conceituação são tão variadas que não há nem mesmo consenso entre os teóricos. Enquanto que para alguns é um processo tão antigo quanto a humanidade, para outros, a exemplo de Robertson *apud* Kumaravadivelu (2006), a globalização data de cerca de 500 anos. Se valendo do que postula Steger *apud* Kumaravadivelu (2006, p.130) a caracteriza como:

uma série multidimensional de processos sociais que criam, multiplicam, alargam e intensificam interdependências e trocas sociais no nível mundial, ao passo que, ao mesmo tempo, desenvolve nas pessoas uma consciência crescente das conexões profundas entre o local e o distante.

Com efeito da globalização, vivemos em um mundo de constantes transformações atingindo boa parte do que fazemos. Às vezes não percebemos a forma acelerada que o

mundo está se desenvolvendo, porém, os impactos atingem nossas vidas. Steger *apud* Kumaravadivelu (2006) a define como a facilidade que os indivíduos se relacionam uns com os outros, podendo expandir e discutir suas ideias, fazendo com que aumente a conectividade, ligando pessoas mundialmente. Como ele menciona, é a chamada “troca social”, o que gera uma reciprocidade mais intensificada entre as pessoas. Assim, a globalização nos proporciona um leque de conhecimentos jamais imagináveis, trazendo melhorias na vida do homem. Contudo, mesmo que a globalização se torne cada vez mais um fato, tanto em relações comerciais quanto no dia a dia das pessoas inseridas nesse processo, independente disso, não reduz as diferenças sociais, isto é, a pobreza continua aumentando, o desemprego crescendo, os salários dos pobres cada vez mais baixos, porque não acompanham a inflação. Logo, essa globalização tem aspectos negativos se tornando uma ilusão para muitos.

De acordo com o autor Kumaravadivelu (2006), a fase atual da globalização, é a onda de processos que estamos vivenciando e tem como peculiaridade, a comunicação eletrônica, a Internet. O meio facilitado de acesso à Internet e as infinitas oportunidades de transição e produção de conhecimentos, juntamente ao constante uso dos dispositivos móveis, tem transformado a forma de nos relacionarmos com o mundo. Isso quer dizer que os indivíduos estão cada vez mais conectados, abrangendo todo o globo, podendo ter acesso a costumes diferentes (globalização cultural) de tal forma, que os gostos podem sofrer rápidas alterações devido as suas múltiplas informações. Segundo o autor (2006), a Internet promove essa conexão em uma velocidade incomparável. Ela causou impacto ímpar na economia, já que os consumidores começaram a ter uma grande variedade de novas opções e a custos mais baratos.

No decorrer do tempo, percebemos como tudo foi se materializando no cotidiano das pessoas, como acompanhar notícias do dia a dia, comprar livros ou ingressos de cinema no conforto de casa. A Internet nos possibilita ter esse acesso, transformando muitos aspectos da nossa vida, uma vez que, temos infinitos dispositivos digitais ao nosso dispor e seus usos só aumentam a cada dia.

O mundo vem suportando grandes mudanças e incluir o uso da Internet é indispensável para tornar o nosso cotidiano mais prático, ágil e diverso. Kumaravadivelu (2006, p.131) diz que: “[...] a Internet tornou-se uma fonte singular que imediatamente conecta milhões de indivíduos com outros, com associações particulares e com instituições educacionais e agências governamentais, tornando as interações à distância e em tempo real possíveis. ” As pessoas, agora, têm facilidade de acesso à informação tanto relacionada a

assuntos educacionais, pesquisa em geral, quanto a conversar com um colega, proporcionando facilidade em comunicação, produzindo conhecimento de uma maneira diferente. Além de fazer parte do meio globalizado, as pessoas estão inseridas em tecnologias digitais.

Em particular, a Internet se beneficiou em muito a difusão dos celulares e do desenvolvimento da tecnologia móvel. Paiva (2017), em seu texto *Aplicativos Móveis para Aprendizagem de língua Inglesa* sinaliza que isso se deu em 2007, quando Steve Jobs fez o lançamento do Iphone (sistema operacional IOS) e passou a ser o competidor da empresa Microsoft. O Android, plataforma de software desenvolvida pelo Google para dispositivos móveis, diferente do IOS, é um sistema operacional móvel com maior uso no mundo. Além de possibilitar ferramentas para a criação de aplicativos, também possui funções básicas de interpretar os comandos do cliente. Ele foi lançado poucos meses depois do Iphone, depois surgiram outros sistemas operacionais, mas o Android, de acordo com as pesquisas, domina o 1º lugar nas vendas e em 2º, o IOS.

Recuperando as leituras que Paiva (2007) faz de Godwin-Jones, Stockwell, Kim et al, Costa Liz, Liu, Liz, Munday e Comitê gestor da Internet no Brasil.

Paiva (2017), baseando-se em enquete feita com seus alunos, comenta que o número de jovens e adolescentes que possuem um aparelho móvel gira em torno dos 90%, o que beneficiaria o professor com o uso dessa tecnologia na sala de aula se desejasse. Godwin-Jones (2011, p. 13) sinaliza que: “como os recursos móveis estão cada vez mais poderosos e versáteis, provavelmente veremos mais usuários usando-os como seus dispositivos principais ou mesmo únicos. Esta tendência não pode ser ignorada pelos educadores da linguagem.” Desse modo, os smartphones têm funcionado não apenas para o meio de comunicação pessoal, mas para uma utilização de diversas maneiras, pois ele proporciona o acesso à informação, imagens, vídeos, notícias, textos, etc. Em face disso, por todos esses atrativos, é que Godwin-Jones (2011) defende o uso desse recurso na sala de aula a fim de tornar o processo de ensino mais estimulante.

No entanto, os estudiosos são cautelosos. Stockwell (2010) aponta em seus achados, que o celular tem sido utilizado pelas pessoas com mais frequência. Adequar esses usos às atividades escolares permite que os alunos tenham um melhor desempenho, já que a ferramenta está em suas mãos boa parte do tempo. Kim et al (2013), em suas pesquisas também sobre aparelhos móveis, percebeu a vantagem que o smartphone proporciona ao aluno. No Brasil, Costa (2013), observa que o uso do celular ajudou no ensino de língua; houve um engajamento dos alunos, uma vez que essa plataforma os deixou motivados.

## 2.1 As TICs na relação com a aprendizagem de Língua Inglesa

Como visto, o uso dos celulares tem muito a contribuir com a motivação dos alunos aprendizes de LI, como é uma ferramenta que grande parte deles possuem e utiliza constantemente. Tendo em vista que o meio digital está inserido na sociedade e não adianta adiar o seu uso e, sim adequá-lo ao ensino, já que os celulares fornecem aplicativos, funcionalidades e facilidades que podem ser adicionadas no ambiente escolar, fazendo o uso desses aparelhos de forma eficiente, pode-se colaborar para um aprendizado melhor e mais lúdico.

Rojo (2013, p. 08) salienta, “Se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/ capacidades de leitura e produção de textos exigidas para participar de práticas de multiletramentos atuais não podem ser as mesmas [...]”. Diante disso, por qual motivo a escola deve continuar a adotar os velhos hábitos? Visto que a Internet simplificou o meio de comunicação entre as pessoas, assim como os meios de leitura e produção textual, então transformá-la em uma boa aliada ao ensino favorece as inúmeras possibilidades que as tecnologias têm a oferecer.

De qualquer forma essa geração está aprendendo a interagir digitalmente seja com o celular, tablet, computador ou qualquer dispositivo tecnológico, o que não deveria ser diferente na escola, porque é um ambiente onde eles poderiam aprender a manusear essas tecnologias de forma responsável e educativa. Como Cope e Kalantzis *apud* Rojo (2013) destacam as escolas permanecem com a mesma tradição letrada e incompleta sem dialogar com o que lhes poderia oferecer benefícios.

Paiva (2017, p.11) reforça como a profusão dos telefones e aplicativos de aprendizagem de LI que atendem a todos os gostos tomou grandes proporções: “Esses aparelhos estão em todo lugar e, como possuem sistemas operacionais multitarefa e multimídia, é possível acessar redes sociais e baixar aplicativos de diversos tipos.”

Segundo o relatório da pesquisa comitê gestor da Internet no Brasil, (2015, p.13):

A expansão rápida do uso da Internet pelo telefone celular e por outros dispositivos móveis tem modificado de maneira significativa as formas de acesso à rede nos domicílios. A convivência de múltiplos equipamentos, a presença de redes *WiFi* (que atendem a um ou mais domicílios) e o surgimento de domicílios que utilizam o telefone celular como único dispositivo de acesso ilustram essa nova dinâmica. [...] Do ponto de vista do uso, a TIC Domicílios aponta que o telefone celular já é o principal dispositivo para o uso da rede no Brasil.

Quando bem orientado, o celular nos possibilita a aprender até mesmo quando estamos em um trem, assim como Stockwell (2010), Stockwell e Liu (2015) mencionam, que é um local que onde pode ser estudado, coletar dados, pesquisar, já que estaremos no trem desocupados. No âmbito escolar, a prática do uso do celular torna o aluno o foco principal do seu aprendizado, assim, o professor pode lançar metas e explorar essa ferramenta da melhor forma possível e, para não deixar o aluno ocioso, criar estratégias e incentivar o uso de aplicativos que envolvam aprendizagem, promover atividades de casa usando esse recurso, beneficiando e engajando os alunos.

Todavia Liz (2015) relata, em sua dissertação, que uma professora pesquisada mostrou pouco entusiasmo em sala de aula com o uso dos smartphones. Isto na verdade é um desafio para o professor, porque essa realidade é muito recente para eles, então, os mesmos se sentem inseguros por não saberem usar ou avaliar com a tecnologia, por isso a falta de interesse. Desse modo, é necessário que a escola tenha uma estrutura física compatível para receber esse recurso, instalação de *wifi* em todos os ambientes possíveis, apoio da direção e, principalmente, capacitação dos professores a usarem esse recurso para que eles possam ir se familiarizando e entendendo as referências de como usá-las na prática ou, até mesmo, aprender com os alunos, gerando uma troca de conhecimentos importante para ambos.

Embora o uso do celular em algumas escolas tenha sido proibido, as leis estão se modificando em relação a isso. Por essa razão, proibir não é um bom caminho. O celular pode se tornar um instrumento rico de aprendizagem, explorando os recursos que ele apresenta, como: acesso à Internet, câmeras, gravador de voz, mapas, jogos educativos, além de aplicativos para aprender um novo idioma. É comum os professores encherem o quadro, ou passarem apostila para os alunos imprimirem. O celular pode servir para acompanhar o texto de uma forma prática e ecológica, lendo o texto de forma digital por meio de PDF. Por isso, os celulares estão cada vez mais atualizados com telas maiores e com uma resolução surpreendente para contribuir com melhorias e praticidade e mais: aplicativos muito interessantes para o ensino de LI.

Em seus achados, a Paiva (2017) destaca o uso de alguns aplicativos: Duolingo, Busuu, ABA e Babbel, famosos por sua forma de ensino.

O Duolingo, desenvolvido para IOS, ANDROID e WINDOWS PHONE, é gratuito e um dos mais populares de todos aplicativos, tem o acesso facilitado e ensina o inglês e outros idiomas de uma maneira divertida e prazerosa, podendo ser usado durante o tempo livre. Já foi eleito o aplicativo do ano em 2013 e muitos pesquisadores lhe fazem elogios. Sua



eficiência e o aprendizado eficaz dos estudantes são famosos entre os professores e alunos no mundo todo. O pesquisador Munday (2016) avalia a experiência com Duolingo como positiva já que os aprendizes de língua estrangeira gostaram da variedade de tarefas que era disponibilizada. Munday (2016, p. 86) também afirma que o “Duolingo funciona de forma semelhante a uma rede social que você pode seguir outros estudantes, e outras pessoas podem te seguir.” É um bom aplicativo para os professores indicarem para os educandos desenvolverem a aprendizagem, na sua avaliação.

O aplicativo conta com lembretes para estudar, notificações de quando alguém edita um texto que você traduziu, “lingotes” como sistema de recompensa como os utilizados em games e até mesmo a possibilidade de personalização para atender a sala de aula do professor através da modalidade *Duolingo for schools*. Por essa razão, a tecnologia pode ser uma grande aliada através do uso de aplicativos para o aprendizado da LI, pois possibilita usar de um mecanismo acessível como os smartphones, porém essas são apenas suas formas mais difundidas. Há um conjunto de tecnologias, costumeiramente chamado de TICs ou Tecnologia da Informação e Comunicação e que engloba muitos outros aparatos:

Dentre elas, destaca-se o uso da World Wide Web (www), de computadores e software, de câmeras fotográficas, e-mails, programas de rádio e TV (...) na sala de aula de Língua Estrangeira (LE), por exemplo, a utilização da TIC é de grande importância, pois é por meio delas que se pode trazer materiais autênticos e atualizados para serem trabalhados em sala de aula (SABELGO, 2014, p. 14-15).

Assim como Sabelgo (2014) aponta para a importância das TICs para o enriquecimento da sala de aula de língua, Machado (2008, p. 02) as defende, destacando a descentralização do papel do professor e autonomia do aluno como ganhos:

“Pesquisas mostram que as TICs têm o potencial de ajudar os estudantes a aumentar suas oportunidades e habilidades comunicativas (produção oral, compreensão oral, produção escrita e compreensão escrita) e também ampliar sua autonomia no processo de aprendizagem, elevando assim a sua motivação e autoconfiança e expandindo também as suas chances de interação, participação ativa e verbalização (EHSANI & KNODT, 1998; BRANDL, 2002; YOUNG, 2003; WHITE, 2003; SAMUEL & BAKAR, 2005; PAIVA, 2001).”

Também na mesma direção, Rojo (2013) destaca a contribuição das TICs no cenário educacional que se desenha, enfatizando como a construção textual está hoje condicionada à múltiplas formas de linguagem verbal (escrita e oral) e não verbal (visual). Isso extrapola a maneira tradicional e aponta para um caminho cada vez mais os multiletramentos.

O conceito de *multiletramentos*, articulado pelo Grupo de Nova Londres, busca justamente apontar, já de saída, por meio do prefixo “multi”, para dois tipos de “múltiplos” que as práticas de letramento contemporâneas envolvem: por um lado, a *multiplicidade de linguagens*, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para textos multimodais contemporâneos e, por outro, a pluralidade e a

diversidade cultural trazidas pelos autores/ leitores contemporâneos e a essa criação de significação [...] (ROJO, 2013, p.14).

Em nossa leitura, os multiletramentos referem-se a diversas linguagens, e a diversidade de tecnologia no mundo atual. Com relação a isso a escola e os multiletramentos são de grande importância, porque as mídias estão inseridas no contexto do aluno, e é importante o professor ensinar a usarem a seu favor.

No âmbito multiletrado da contemporaneidade, fica evidente que a leitura não é a mesma do passado. As formas de escrita, os textos, todos mudaram, pois não mais nos limitamos e passamos a usar com mais frequência diferentes linguagens como imagens, sons, vídeos, entre outros. O tradicionalismo divide lugar com uma forma inovadora de ler o texto com mais entusiasmo. É notável que o retrato dos alunos tem mudado de modo acelerado nos últimos anos por múltiplos motivos. Essa mudança impacta claramente nos docentes, e consequentemente, os inspira a traçar novos desafios para se ajustar a essa mudança de paradigma no meio escolar fazendo-os repensar, seus planejamentos de aula à medida que a priorizam ou discutem as novas tecnologias, trabalhando para a inserção de novos multiletramentos.

Segundo a autora (2013), a velocidade com que as transformações vêm surgindo, obrigam os sujeitos a engatarem múltiplas táticas com o intuito de se adequarem. Tudo isso traz consequências na aprendizagem contemporânea. Nesse cenário conhecido por mudanças intensas, a escrita e a leitura também são atingidas, afinal, se o mundo a fora é tecnológico, com a escola, a escrita, a leitura não seria diferente, já que não estão destacados da sociedade.

Nessa seara, as tecnologias têm lugar na comunicação de forma significativa quase diariamente, através de uma multiplicidade de linguagens. São elas, textos eletrônicos ou hipertextuais que apresentam novas maneiras de leitura, inserindo modalidades diferentes do texto verbal escrito como imagem, fala e som. Textos assim vem conquistando o espaço dos impressos. Sobre o hipertexto, Rojo (2013) o descreve como a liberdade de que o leitor tem em escolher de um texto para outro por meio de um link. Já à hipermídia ela considera:

A próxima geração de ambientes de aprendizagem interativos incluirá imagens visuais, som, vídeo e animação, todos práticos quando houver velocidade e capacidade de armazenamento, que permitirão acomodar essas formas de significação topológicas densamente informativas. (ROJO, 2013, p. 21).

Assim sendo, sabe-se que essas novas maneiras de escrever e ler seguem a emergência dos multiletramentos, uma vez que, “a integração de novas semioses, o hipertexto, a garantia de um espaço para a autoria e para a interação, a circulação de discursos polifônicos num

mesmo ciberespaço, com a distância de um clique, desenham novas práticas de multiletramentos.” (ROJO, 2013, p.7). Nessa perspectiva, a escola moderna tem o compromisso de adquirir novas práticas e se aprofundar sobre as habilidades de leitura de textos multimodais, pois os textos dessa escola atual, como dito, requerem novas competências. Segundo os autores, os professores devem buscar:

[...] formular uma pedagogia para os multiletramentos, levando em conta ações pedagógicas específicas, que valorizem todas as formas de linguagens (verbal e não verbal), cujo foco deve ser o aprendiz, que passa a ser o protagonista nesse processo dinâmico de transformação e de produção de conhecimento e não mais um simples reprodutor de saberes (Cope e Kalantzis *apud* Rojo, 2013 p.138).

Indo além, Kalantzis e Cope *apud* Rojo (2013) declaram que a contemporaneidade traz para os estudantes uma variedade de perspectivas incluindo: a diversidade produtiva, o pluralismo cívico e as identidades multifacetadas. “Uma maneira particular de aprender e conhecer o mundo em que a diversidade local e a proximidade global tenham importância crítica” (ROJO, 2013, p. 14). Para ambos os autores citados, desenvolver criticidade é de suma importância. Uma maneira de usar o letramento crítico para aprender e ensinar a LI é através de exercícios com vídeos que os professores podem propor para os alunos, ajudando a expandir seus olhares.

É enfatizada a habilidade de “constantemente ler o mundo criticamente para compreender os interesses culturais divergentes que informam significações e ações, suas relações e suas consequências” (ROJO, 2013, p. 15). Isso nos remete que é aconselhável às escolas habilitarem o alunado para serem qualificados a interagir com outras linguagens, criando, traduzindo, registrando tudo em sua volta, mas também analisar profundamente as informações, transformando-as em conhecimento, desenvolver o que se chama de letramento crítico. Nesse sentido trazemos as leituras de Andrade (2016) sobre o tema.

Segundo Shannon (1995) *apud* Andrade (2016 p. 65), “o letramento crítico é o letramento que traz consigo a liberdade de explorar e agir sobre o nosso passado, presente e futuro.” Pensamos assim que o desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes seja voltado por debates que ocorrem concomitante ao ensino de LI.

Nessa perspectiva, “o sujeito não assimila passivamente conteúdos, opiniões e saberes, mas os “articula, em um trabalho ativo, em relação à sua trajetória, seus conhecimentos prévios e seus interesses” (MAGNANI *apud* ANDRADE, 2016, p. 66). Dessa maneira, um sujeito se vê despertado para enxergar a comunidade através da aula de língua, logo, está apto para transformar seu entorno. Já os letramentos críticos de acordo com Takaki *apud* Andrade

(2016) “requerem um professor que crie espaço para diálogos em que a voz do aluno e sua criatividade sejam valorizadas tanto quanto o desenvolvimento linguístico”.

Despertar o senso crítico nas aulas de LI é necessário para os aprendizes terem autonomia em sua vida escolar e até mesmo em sociedade. É preparar o alunado aos desafios propostos pela vida cotidiana, fazer com que eles interajam, dar oportunidade para seu ponto de vista ser exposto. Mas infelizmente há algumas dificuldades apresentadas na inserção das TICs nas escolas, que dificulta o professor a fazer o uso, assim como a falta de agência para a cobrança de escolas melhores que possibilitem alunos com letramento digital necessário para o mundo de hoje. Há um silêncio imenso sobre isso, mas sabemos que até as Universidades públicas enfrentam sérios problemas. Essa criticidade pede ação, a formação de professores fica muito a desejar, mas se não houver uma cobrança contínua de alunos, professores, pais dificilmente essas necessidades vão ser atendidas. Então, é importante fazer um movimento para que as necessidades possam ser atendidas e assim atribuir as tecnologias na escola.

A leitura de Andrade (2016) sobre Duboc (2015), mostra que outros pesquisadores enfocam os letramentos críticos no ensino aprendizagem de línguas. Monte Mór *apud* Andrade (2016) percebe que essa preocupação se faz necessária, porque é preciso que o estudante se torne apto ao mundo globalizado.

Já Menezes de Sousa *apud* Andrade (2006. p.04) também menciona a importância sobre o desenvolvimento dos letramentos críticos, uma vez que eles se configuram como “uma prática sócio- culturalmente situada que envolve a negociação de sentido em curso, em lugar de contínua contestação na construção de sentidos.”

Portanto o ambiente escolar precisa ser revisto, ainda que a escola enfrente muitos desafios. Rojo (2013, p. 17) salienta essa necessidade: “[...] ainda que as escolas precisam ensinar aos alunos novas formas de competências nesses tempos, em especial “a habilidade de se engajarem em diálogos difíceis que são parte inevitável da negociação da diversidade.”

Compreendemos que empoderar os alunos para que sejam cidadãos críticos, engajando-os em sua atividade crítica por meio da linguagem, através do uso das tecnologias no ensino é uma dessas urgências.

Os multiletramentos na escola mostram que os avanços tecnológicos já estão aí e a escola deve se adequar a eles o quanto antes. Desta maneira, se faz necessário um planejamento cuidadoso antes de trabalhá-las, isto é, é preciso preparar educadores que não estão habituados a usarem esses recursos na aula. Nesse sentido, como Rojo menciona, “devemos deixar de lado o olhar inocente e enxergar o aluno em sala de aula como nativo

digital que é: construtor colaborador das criações conjugadas na era das linguagens líquidas” (ROJO, 2013, p.8). Os estudantes já fazem uso das tecnologias no seu cotidiano, então levá-los para o espaço da prática multiletrada é ampliar o lugar da sala de aula para sua vida educacional e social.

Em certos artefatos digitais, observamos um uso bem desenvolvido de algumas habilidades que a escola deveria, hoje, tomar por função desenvolver, tais como: letramentos da cultura participativa/ colaborativa, letramentos críticos, letramentos múltiplos e multiculturas ou multiletramentos. (ROJO, 2013, p.8) [...] No campo específico dos multiletramentos, isso implica negociar uma crescente variedade de linguagens e discursos: interagir com outras línguas e linguagens, interpretando ou traduzindo, usando interlínguas específicas de certos contextos, usando o inglês como língua franca; criando sentido da multidão de dialetos, acentos discursos e registros presentes na vida cotidiana (ROJO, 2013, p. 17).

Um dos maiores desafios que a escola pode enfrentar é associar as tecnologias com a educação. Isso é algo desafiador, porém não desabilita o professor em ser o mediador da aula, apenas o incentiva aprender a lidar com essa ferramenta e potencializar o ensino-aprendizado.

Formar alunos multiletrados e alfabetizados, na era da tecnologia é muito importante. Precisamos aliar essas tecnologias a esse processo, trabalhar várias atividades com esse teor, pois os multiletramentos são bastante abrangentes. Vale ressaltar que não devemos inserir essas tecnologias de forma vazia, elas devem trazer algum significado para os aprendizes, como tudo que é levado para eles. Apresentar as tecnologias na sala de aula para os alunos, para eles conhecer esses recursos, e não apenas utilizar para entretenimento ou distração, mas orientar a fazer uma pesquisa ou procurar fontes confiáveis. Esse é o papel do professor, de conscientizar e ensinar a fazer o uso desse recurso, da forma que se torne um aliado no processo de multiletramentos. Como já frisado, a comunidade move-se através da diversidade de mídias da atualidade, e essa diversidade tem que ser repensada efetivamente na prática escolar, de forma diária. Pensamos que a inclusão da tecnologia na sala de aula é indispensável. A escola pode ser receptiva, entendendo a necessidade que isso tem e se adequar à evolução tecnológica que estamos adquirindo diariamente, até porque nada é como antes.

Lemke *apud* Rojo (2013) acredita que os multiletramentos são necessários para a socialização entre as pessoas, construindo e explorando diversos meios de interatividade, o que contribui para o crescimento dos alunos.

Dessa maneira, a educação se destaca quando manifesta preocupação e interesse de inovar e buscar melhorias convencionais que atendam às demandas da atualidade, pois ela

vem se atualizando rapidamente e a escola não deve ficar descartada, e sim caminhar lado a lado com essas mudanças.

Análises são feitas com alunos e os resultados muitas vezes são positivos, a tecnologia é algo que está na realidade deles, é aquilo que eles fazem ou acessam todos os dias, a diversidade de pesquisa é eficaz devido ao fácil acesso à Internet o que torna a aula mais criativa e prazerosa. Assim, eles têm consciência que esses recursos não são apenas para divertimento. Por isso, percebendo a importância do uso em diversos modos:

(...) esses dispositivos, com telas sensíveis ao toque, possibilitam uma maior interatividade entre leitor e texto, reunindo recursos que vão muito além de um simples virar de página com o toque dos dedos: é possível navegar por hipertextos e explorar hiperlinks, estando apto a interagir com figuras e infográficos interativos, acessar vídeos e gravações de áudio, vivenciar uma experiência de leitura multimodal que requer letramentos múltiplos. (AZZARI; LOPES, 2012, p.4)

Acreditamos que fazer uso desses dispositivos agrega muito à aula de língua, mas isso implica no desenvolvimento de multiletramentos, e manejo de um leque de informações interligadas às tecnologias. Pensamos que a inserção dessas tecnologias pode mudar o olhar do aluno sobre a escola, fazendo com que ele perceba que é um ambiente interativo, acolhedor, e que se preocupa com eles. Embora muitos professores a considerem importante, mesmo assim não fazem uso. Por que os professores não a utilizam? A que isso se deve? E em caso positivo, por que procedem assim? Acreditamos que isso esteja relacionado ao campo teórico de estudos intitulado *crenças* e que veremos na próxima seção.

## **2.2 Crenças sobre o ensino de línguas**

Muitos são os conceitos difundidos no campo das crenças em relação ao ensino e aprendizagem de línguas. Recuperamos as leituras que Silva (2007) faz de (Barcelos, Leffa, Cardoso, Bandeira e Almeida Filho).

Barcelos (2007) comenta que o conceito de crenças é tão antigo quanto nossa existência, pois desde que o homem começou a pensar, ele passou a acreditar em algo. A necessidade de aprender e ensinar uma Língua Estrangeira (LE) gerou esse amplo campo de estudos, iniciando as pesquisas por volta dos anos 80 a 90. Um dos pioneiros sobre esse estudo foi Honsfeld (1978) e Shulman (1986) antes mesmo de o termo “crenças” ter sido nomeado. Depois deles surgiram diversos estudos que contaram com a colaboração de pesquisadores tanto do Brasil como no exterior. Mas o que são crenças? Barcelos (2006) as define:

Crenças são uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais, mas também individuais, dinâmicas, contextuais e paradoxais (BARCELOS, 2006, p. 18).

Por que elas são importantes? O que torna as crenças importantes em relação ao ensino e aprendizagem de LE está associada: “à compreensão das ações ou do comportamento dos aprendizes de línguas, seja em termos de se entender quais estratégias utilizam, ou como algumas crenças podem contribuir (ou não) para a ansiedade de muitos alunos ao aprender uma língua estrangeira” (BARCELOS, 2007, p. 111).

Ainda sobre crenças, Barcelos (2001, p.73) as considera como “Ideias, opiniões e pressupostos que alunos e professores têm a respeito dos processos de ensino/ aprendizagem de línguas e que os mesmos formulam a partir de suas próprias experiências”. É notório que a autora percebe que as crenças partem tanto dos professores quanto dos alunos, pois ela acredita que esse procedimento acontece desde suas práticas, ao aprendizado de uma nova língua pelos sujeitos.

Cardoso (2002) argumenta que as crenças são “o conjunto de imagens que nos guiam para entender o processo de ensinar”, no caso do professor, “e de aprender”, no caso do aluno”. Entende-se também, que as crenças condizem com o conceito que cada indivíduo tem sobre ensino/aprendizagem de uma LE, através do contato e da vivência com a sociedade.

Almeida Filho (1993) conceitua o termo como “abordagem ou cultura de aprender” enfatizando, portanto, a percepção do aluno na aprendizagem escolar. Já Barcelos (1995), acredita na necessidade de um aparato aprofundado das crenças, para um bom entendimento do papel do aluno, tanto na sociedade, quanto na escola.

Silva (2005) acredita que as crenças afetam o processo de ensino devido às diversas implicações que ocorrem, mas ao mesmo tempo ele acredita que isso vai colaborar na construção do aprendizado do aluno e professor, fazendo com eles se tornem cidadãos pensantes a respeito de qualquer assunto em sua volta.

Bandeira (2003, p. 65) chama atenção para a relação da crença com a descrença: “Tanto o é que se a dúvida suspender o empenho (ou se a opinião excluir as condições necessárias para o empenho) a crença transforma-se em descrença”. Dito de outra forma, se não houver convicção, a crença tende a desaparecer, o que nos faz pensar que elas não são estanques, imutáveis.

Nesse panorama, o autor (2007) faz duas observações: a maioria das definições sobre crenças depende do contexto social, seguido da forma de pensar de cada indivíduo, de acordo com sua vivência em sociedade, fazendo refletir em sua opinião:

Olhando para essas definições, é possível fazermos duas observações. Primeiro, grande parte das definições levam em consideração o contexto social em que tanto professores quanto alunos estão inseridos. Segundo, para os referidos autores, as crenças variam de pessoa para pessoa, são mutáveis e estão relacionadas às experiências de cada indivíduo e ao contexto sociocultural com o qual interage. Assim, as crenças podem ser pessoais ou coletivas, intuitivas e na maioria das vezes são implícitas. (SILVA, 2007, p.247).

A abordagem sobre as crenças é uma contribuição importante para formação de professores e alunos. Elas devem ser parte da educação junto com as emoções, porque fazem parte dos desafios enfrentados no ensino e aprendizado de uma nova língua. Silva (2007) aponta para a necessidade de aprofundar essas pesquisas em relação à LA (Linguística Aplicada), sugerindo que, do início até o final de um curso, professores e estudantes sejam observados, pois através disso, é permitido fazer o acompanhamento de suas crenças sobre a língua em questão, no decorrer do tempo.

Barcelos (2004b, p.34) salienta que isso nos permite entender como os professores de línguas “lidam com esse aspecto em sala de aula e as consequências disso para o ensino e aprendizagem de línguas”, pois ainda assuntos como “crenças de formadores de professores de línguas, coordenadores de cursos de Letras e de centros de línguas, crenças de diretores ou donos de escolas, pais, autores de material didático” entre outros mais específicos ainda não são analisados na proporção que deveriam.

Sobre a lida com uma nova linguagem Leffa (2006) pontua:

fazer esta língua conviver dentro de nós é um processo, geralmente longo, extremamente complexo e, não raro, doloroso. [...] temos de adquirir um conhecimento que não só está fora de nós, mas também distante; não é apenas a língua do outro: é a língua do outro que está em um outro país e, às vezes, até em um outro continente. (LEFFA, 2006, p.31).

Ainda de acordo com Leffa (2006), o aprendizado de uma LE não é algo fácil, externa ou internamente. Internamente, porque a relação entre os fundamentos linguísticos, como a fonologia com a morfologia, é um pouco complicada, ou seja, não se dá de modo simples e direto. Externamente, porque sofre influência de pontos extralinguísticos, como o cenário em que se insere o aprendiz ao aprender a língua, ou o lugar de onde se fala.

Leffa (2006) aprofunda esta questão discutindo a teoria do Pensamento Complexo, partindo do princípio que “os saberes não devem ser compartimentados, fechados dentro das



áreas de conhecimento, mas pelo contrário, articulados entre si para que o ser humano possa ser compreendido na sua complexidade” (LEFFA, 2006, p. 35).

Para a discussão sobre crenças, Leffa (2006) também traz a Teoria da Atividade, retratando que “toda atividade desenvolvida por um sujeito é sempre movida por um objetivo que inicialmente está fora do sujeito” (LEFFA, 2016, p. 38). Em outras palavras tudo que está dentro do homem já esteve alguma vez fora, ou seja, a consciência é construída de fora pra dentro, tudo está profundamente relacionado.

Há crenças sobre o ensino de línguas que mostram que as tecnologias não são redentoras. Machado (2008), por exemplo, considera que os principais motivos estão relacionados a problemas na falta de infraestrutura, software de computadores, e as dificuldades enfrentadas por educadores consequentemente a ausência de auxílio por meio da direção escolar e a falta de capacitação. Tudo isso torna negativa a percepção de alguns docentes sobre o uso das TICs em sala de aula.

Ertmer *apud* Machado (2008) reforça que, existem dois tipos de problemas que podem prejudicar negativamente a tentativa de o professor inserir as TICs em suas aulas. O primeiro problema é o acesso às tecnologias por tempo limitado, às vezes prejudicando o planejamento do professor. O segundo problema está relacionado a sua desconfiança quanto ao ensino eficaz, baseado em suas poucas experiências com as tecnologias. Essas crenças acabam influenciando em sua atividade escolar.

Ertner *apud* Machado (2008) acredita também que experiências negativas anteriores com uso de tecnologias podem afetar desfavoravelmente as crenças dos professores com relação as suas futuras aulas. Nas leituras que Machado fez:

“Uma antiga experiência negativa ou frustrante com o uso de ferramentas de TIC e fatores como má infraestrutura, pouco apoio da administração da instituição e falta de cursos de treinamento pode levar estudantes e professores a acreditar que essas ferramentas mais atrapalham do que ajudam no processo de ensino aprendizagem” (MACHADO, 2008, p. 4)

Portanto, o reflexo sobre as crenças na formação de professor e alunos é importante e algo necessário para ser estudado, discutido e analisado. É essa crença e teorias que torna a formação crítica do professor, e o ajuda a compreender suas ações podendo modificá-las, afinal, como vimos em Silva (2007), são passíveis de mudança.

### **3. MATERIAIS E MÉTODOS (METODOLOGIA)**

Para o presente estudo foi utilizada uma pesquisa de estudo de caso, baseada no que propõe André (2013). A autora a compreende como:

[...] sistema bem delimitado, isto é, uma unidade com limites bem definidos, tal como uma pessoa, um programa, uma instituição ou grupo social. O caso pode ser escolhido porque é uma instância de uma classe ou porque é por si mesmo interessante. De qualquer maneira o estudo de caso enfatiza o conhecimento do particular. O interesse do pesquisador, ao selecionar uma determinada unidade, é compreendê-la como uma unidade. Isso não impede, no entanto, que ele esteja atento ao seu contexto e às suas inter-relações como um todo orgânico, e à sua dinâmica como um processo, uma unidade em ação. (ANDRÉ, 2013, p. 26)

O estudo de caso para a entendimento da realidade investigada possibilita a sua interpretação de forma contextual, abordando alguns pontos de vista de uma determinada situação, colaborando para uma boa forma de coleta de dados. Ele tem como ideia central a inclusão dos agentes envolvidos no processo. O que é enfatizado é a relevância de como se desenvolve tal fenômeno ou comportamento.

Já Mazzotti (2006) menciona que os estudos de caso são aqueles que se debruçam, em algo de particular interesse, como por exemplo, em apenas uma escola, uma turma ou algum ambiente com poucas pessoas. Normalmente é feito por meio de entrevistas ou questionários não sendo necessário ter um perfil exato do ambiente: “Os estudos de caso mais comuns são os que focalizam apenas uma unidade: um indivíduo, um pequeno grupo, uma instituição, ou um evento.” (MAZZOTTI, 2006, p. 640).

O estudo de caso se configura como um método de pesquisa específico para casos únicos, porém eles podem ser qualitativos ou quantitativos. Geralmente é classificado por meio de alguns números de questões tanto complexas quanto problemáticas. Yin *apud* André (2013), por sua vez retrata o estudo de caso de acordo como “uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em seu contexto natural, em situações em que as fronteiras entre o contexto e o fenômeno não são claramente evidentes, utilizando múltiplas fontes de evidência.” (ANDRÉ, 2013, p. 23). É preciso ficar atento porque nem tudo pode ser considerado um caso. Devemos observar alguns aspectos para que possamos definir um caso com propriedade. Muitos são os autores que concordam que o estudo de caso estabelece um leque de busca no ambiente estudado, mas essa busca pode variar de indivíduo para indivíduo.

Conforme Gonçalves; Silva e Góis (2014, p.29), “o pesquisador, ao se predispor a estudar um determinado recorte da realidade, deve ter em mente a complexidade de aspectos que estão em jogo, além das dificuldades que irá enfrentar para dar conta dessa realidade”. O pesquisador tem que procurar ser sensato em sua pesquisa para que ela possa ter retorno satisfatório, usando métodos apropriados ao ambiente de pesquisa.

Mendes *apud* Gonçalves; Silva e Góis (2014) também propõe que deva acontecer “pelo que ocorre durante o processo de ensino/aprendizagem, explorando a sala de aula como ambiente privilegiado de construção do conhecimento, no qual o professor investigado possa atuar como pesquisador e observador crítico de sua própria prática” (SIQUEIRA, 2004, p. 21-22).

Os autores (2014), alegam que, sendo assim, a constatação de que as tendências atuais na área de ensino e aprendizagem de línguas, tanto no Brasil, quanto no exterior, têm apontado a sala de aula como foco de estudo cada vez mais frequente. A sala de aula era apenas um ambiente onde o professor ensinava, mas, de um período para cá, ela se tornou um espaço de pesquisa devido ao número crescente de pesquisadores em busca desse ambiente. Isso contribui, tanto para os pesquisadores, quanto para o professor que tem interesse de explorar a sala de aula com uma maneira de observação e reflexão, para além de ministrar sua aula.

Assim sendo, essa pesquisa se define dessa forma porque é por meio de investigação de uma unidade significativa. Como declaram Gonçalves et al, “a investigação pode ser conduzida a partir de duas abordagens: na primeira o pesquisador decide, a priori, o que investigar, estabelecendo de antemão as perguntas de pesquisa, os instrumentos de coleta e os procedimentos de análise dos dados. Na segunda, as reflexões surgem a partir dos dados coletados (COURA SOBRINHO (1998) *apud* GONÇALVES; SILVA e GÓIS 2014, p. 38).

A presente pesquisa define-se como de natureza qualitativa, fundamentalmente descritiva, na perspectiva de análise de duas professoras, buscando o que elas têm a manifestar sobre as questões abordadas, observando suas concepções de modo a melhorar o objeto investigado.

Os dados foram colhidos em uma escola pública na Rede Estadual de Araguaína- TO, no decorrer da disciplina de Estágio Supervisionado em Língua Inglesa e Literaturas IV, no segundo semestre de 2019, com professoras de Língua Inglesa.

Para a coleta de dados, foi aplicado um questionário escrito, incluindo oito questões fechadas e três abertas, na qual as duas participantes tinham a oportunidade de expressar suas opiniões em relação ao uso das tecnologias na sala de aula de Língua Inglesa.

Os questionários foram aplicados às professoras, os dois tinham as mesmas perguntas e opções de respostas de múltipla escolha e nas abertas também as mesmas perguntas. Inicialmente, as professoras foram questionadas se aceitavam a realização da pesquisa, e a resposta foi favorável. Antes da realização do questionário, foi feito um prévio esclarecimento

sobre a finalidade da pesquisa. E a informação de que seus nomes seriam mantidos em sigilo, sendo apresentadas como professora A e B.

As professoras que responderam ao questionário deram sua permissão sobre a utilidade da entrevista para os fins de pesquisa. Logo depois da aplicação, os questionários foram pautados e organizados com o propósito de servir de requisito central de pesquisa dos dados e da realidade a ser estudada. As questões foram elaboradas com intuito de averiguar das professoras de Língua Inglesa como lidam e inserem as tecnologias em sua aula e por qual razão assim procedem (quais suas crenças em relação ao tema central de nossa pesquisa).

O formato das questões proporcionou maiores chances de assegurar a pesquisadora a compreensão do que foi proposto. As perguntas permitiram uma análise padronizada, em que cada uma mostrou seu ponto de vista sobre o tema abordado. Realizada a coleta de dados por meio dos questionários, prosseguiu-se a catalogação dos dados e logo após, fez-se análise e observação do que foi alcançado.

Na escola são duas mulheres professoras de Inglês sendo que a professora A tem 34 anos, leciona inglês há 7 anos, possui graduação em Letras Português e Inglês e aprendeu a LI na faculdade. A professora B, tem 42 anos, leciona a Língua Inglesa há 22 anos, possui graduação em Letras e especialização em Língua Inglesa, e conta que aprendeu inglês na escola, faculdade e Internet. Ambas lecionam no Ensino Médio.

#### 4. RESULTADOS

Através dos dados gerados pelo questionário, a pesquisa revelou como as professoras atuam e pensam em relação ao uso da tecnologia na sala de aula. Essas onze questões foram respondidas por meio de questionários impressos (como disposto no anexo), da forma que elas se sentiram à vontade em responder. Os questionários foram entregues a elas para o preenchimento das perguntas e depois entregue de volta para a pesquisadora. Em seguida foi realizada a análise para fundamentar a pesquisa. Os relatos estão logo abaixo.

Na primeira pergunta: “Você faz uso de recursos tecnológicos na sala de aula?” Desse modo, percebemos que as duas fazem uso de alguma tecnologia nas aulas de Língua Inglesa. (Veja Tabela 01):

**Tabela 01. Uso dos recursos tecnológicos nas aulas**

<b>Professores que fazem o uso da tecnologia nas aulas</b>	<b>Número de professores</b>	<b>Porcentagem</b>

Sim	2	100%
Não	-	0%

Face ao exposto, as ferramentas tecnológicas tem lugar nas práticas das docentes no que tange o ensino de LI.

Na segunda pergunta: “Em caso positivo, quais tecnologias?” Notamos que ambas fazem uso do computador, data show e lousa digital. Diante disso, percebemos também que alguns outros recursos são usados na escola, a exemplo do aparelho de som e aplicativos de celular. Os tablets não fazem parte do cotidiano delas. (Veja Tabela 02):

**Tabela 02. Ferramentas usadas pelas professoras**

<b>Recursos tecnológicos usados pelas professoras</b>	<b>Número de professores que usam a ferramenta</b>	<b>Porcentagem</b>
Aparelho de som	1	50%
Computador	2	100%
Data show	2	100%
Tablets	-	0%
Lousa digital	2	100%
Aplicativos de celular	1	50%

Na pergunta 3: “Você foi capacitado para trabalhar com os recursos tecnológicos na sala de aula?” as duas professoras relatam que não tiveram preparo para o uso das tecnologias. Para que esse recurso seja usado com êxito é necessário treinamento dos professores, uma infraestrutura adequada e o incentivo da direção escolar como discutido aqui no capítulo 02. (Veja Tabela 03):

**Tabela 03. Capacitação para trabalhar com tecnologias**

<b>Capacitação para trabalhar com tecnologias</b>	<b>Número de professores</b>	<b>Porcentagem</b>
Sim	-	0%
Não	2	100%

Na quarta pergunta “O laboratório de informática é utilizado frequentemente por professores e alunos? nota-se que elas não usam com muita frequência. Pensamos que isso deve ser estimulado já que fazer uso desse ambiente é fundamental. Muitas vezes, esse se

configura como o único lugar que conta com tecnologias na escola. É premente pensar que as professoras, mesmo com falta de capacitação, buscam do seu jeito, adequar as aulas com o uso das tecnologias. Elas estão pensando nos alunos, na sala de aula que dialoga com o mundo digital. Devido a isso, faz-se necessária uma capacitação para que elas possam se familiarizar e usar as tecnologias confortavelmente. Já que os alunos são “nativos digitais”, é necessário esse preparo para uma aula participativa. A capacitação coloca em contato com diversas semioses, como o multiletramentos, hipermídia, hipertexto, e tantas outras linguagens, necessária para a utilização na sala de aula. Relembrando, “devemos deixar de lado o olhar inocente e enxergar o aluno em sala de aula como nativo digital que é: um construtor-colaborador das criações conjugadas na era das linguagens líquidas” (ROJO, 2013, p. 8). (Veja Tabela 04):

**Tabela 04. Frequência de uso do laboratório de informática**

<b>Frequência de uso do laboratório de informática</b>	<b>Número de professores</b>	<b>Porcentagem</b>
Sempre	-	0%
Nunca	-	0%
Uma vez por semana	-	0%
Mais de uma vez por semana	1	50%
De vez em quando	1	50%

Na quinta pergunta: “Qual número de computadores no laboratório?”, podemos constatar que o número de computadores ainda é mínimo pela quantidade de alunos presentes na sala (uma média de trinta alunos), o que poderia ocasionar a falta de atenção deles, por muitas vezes ter que colocar a sala em grupos ou duplas para fazer o uso da máquina e consequentemente desestimula o professor. (Veja tabela 05):

**Tabela 05. Números de computadores no laboratório**

<b>Números de computadores no laboratório</b>	<b>Número de professores</b>	<b>Porcentagem</b>
Menos de 10 computadores	-	0%
Entre 11 e 20	2	100%
Mais de 21 computadores	-	0%

Na sexta pergunta: “A escola motiva os professores a utilizarem tecnologias nas suas aulas?”, nota-se que mesmo com a falta de treinamento, a escola se importa em inserir no

plano de ensino recursos tecnológicos. Nos parece que é algo que as escolas, de maneira geral, tendem a fazer talvez por uma pressão pela vanguarda e adequação aos novos tempos, ainda que não tenha sido orientada como essa implementação deva ocorrer. (Veja tabela 06):

**Tabela 06. Motivação da escola para o uso das tecnologias**

<b>Motivação da escola para o uso das tecnologias</b>	<b>Número de professores</b>	<b>Porcentagem</b>
Sim	2	100%
Não	-	0%

Na sétima pergunta: “O uso dessas tecnologias faz parte do planejamento de suas aulas?” percebe-se que é algo indispensável no planejamento do professor. Buscar melhorias e inovação do ensino é um tanto desafiador para elas. Como visto, inseri-las é descentralizar o papel do professor (MACHADO, 2008) e colaborar para o uso de materiais autênticos e atualizados (SABELGO, 2014). (Veja tabela 07):

**Tabela 07. As tecnologias no planejamento das aulas**

<b>As tecnologias fazem parte do planejamento das aulas</b>	<b>Número de professores</b>	<b>Porcentagem</b>
Sim	2	100%
Não	-	0%

Na oitava pergunta: “Como você percebe se a aprendizagem dos alunos é eficaz a partir do uso dos recursos tecnológicos?” é unânime entre as docentes que, com o uso dos recursos tecnológicos, os alunos ficam mais atentos e motivados, mais estimulados a aprender. Como alunos geralmente estão íntimos desse recurso, é difícil de se imaginar algum tipo de resistência na aplicação da tecnologia na educação. Mesmo assim, é preciso prepará-los para receber a novidade exatamente para não levar o recurso digital para fora do aprendizado escolar. Os motivos para usar essas ferramentas tecnológicas, devem ser bem explicadas e conhecidas pelo aluno, de forma clara e lembrando quando é necessário e onde é permitido usá-la. (Veja Tabela 08):

**Tabela 08. Aprendizagem dos alunos**

<b>Aprendizagem dos alunos com os recursos tecnológicos</b>	<b>Porcentagem</b>
Continua sem estímulo	0%
Mais significativa	100%

Melhorou, mas não é suficiente	0%
--------------------------------	----

Na nona pergunta “Você acha que a tecnologia colabora para o ensino da Língua Inglesa?” Resposta da professora A: “Sim. Faz com que o aluno tenha mais interesse em participar das aulas.” Ela relata que o aluno se interessa mais em participar dessas aulas, ou seja, a crença é que, basta ter TICs para ter motivação e interesse? mas às vezes não é assim, o professor precisa saber lidar com as tecnologias ajustando da melhor maneira possível para não ser apenas um senso comum e tornar a aula cansativas, o que amplamente debatemos no capítulo teórico. Dessa maneira, a educação se destaca quando manifestado preocupação e interesse de inovar e buscar melhorias que atendam as demandas da atualidade, os alunos ficam interessados no que as professoras tem a oferecer a eles.

A professora B menciona que vivemos na era da tecnologia e o aluno precisa dessas vivências para aprimorar as habilidades exigidas em Língua Inglesa, o que deixa entrever a sua crença de que capacitar o aluno para o mundo e para as habilidades que a Língua Inglesa lhe exigem é torná-lo apto a fazer uso da tecnologia. “Pesquisas mostram que as TICs têm o potencial de ajudar os estudantes a aumentar suas habilidades comunicativas (produção oral, compreensão oral, produção escrita e compreensão escrita) além de ampliar sua autonomia no processo de aprendizagem (EHSANI & KNOTT, 1998; BRANDL, 2002; YOUNG, 2003; WHITE, 2003; SAMUEL & BAKAR, 2005; PAIVA, 2001).” Ambas sustentam a convicção de que uma aula intrigante, que desperta curiosidade, tem relação com o uso das tecnologias. (Pergunta aberta, ver anexo).

A décima pergunta “O laboratório de informática é acessível? Conte um pouco o acesso a ele.” As docentes relatam que o laboratório é acessível, a professora A conta que “o meio de acesso a ele é através de um agendamento com antecedência, e tem que constar no planejamento do professor. Os alunos fazem uso de atividades relacionadas a pesquisa e traduções, fazendo com que os alunos usem.” Infelizmente o pensamento da professora A está sendo limitado em relação ao uso do laboratório, porque existe diversas maneiras para se trabalhar no laboratório de informática. A professora B, conta que têm dificuldade, pois nem todos os computadores estão interligados na rede, e muitos estão com defeitos. Com base Kim et al (2013) que notou a uma desvantagem do uso de recursos tecnológicos devido a Internet lenta, ele completa que as atividades que envolvem a Internet só são bem-sucedidas se a escola oferecer uma conectividade veloz. alunos fazem da sala uso em atividades relacionadas a traduções e pesquisas, somente. (Pergunta aberta, ver anexo).



A décima primeira pergunta “Conte-nos um pouco se você acha que a tecnologia tem aspectos positivos e/ ou negativos?” A professora A diz que “positivos quando trabalhados corretamente sempre acompanhando os alunos para os alunos não fugirem do foco”, ou seja, ela acredita que há uma maneira dita correta de se trabalhar – que ela parece ter uma noção de que existe, mas a que nunca foi exposta, porque não foi treinada. Pela experiência, parece que ela já fez da maneira “incorreta” e viu que os alunos ficaram dispersos. Isso nos leva a pensar que professores que vivenciaram experimentos negativos tendem a reforçar a crença de que não funciona e, por experiência não insistem na aplicação do mesmo- o que nos remete novamente para a importância da capacitação para troca de ideias do que pode funcionar satisfatoriamente em sala. A crença de saber que o aluno depende do professor todo o tempo, e isso deve ser adaptado para que os professores ensinem os alunos a ter autonomia para trabalhar com esses recursos. A professora B menciona que o aspecto positivo é que o aluno pode ter a informação ao alcance da mão, por outro lado muitos fazem mau uso dessa conquista. O fato da professora B apontar “o mau uso” da conquista que é a tecnologia, também aponta para a necessidade de formações e capacitações mais uma vez. Podemos perceber que as professoras sempre estão no centro da aula, para auxiliar e orientar os alunos, caso contrário o comportamento deles são desagradáveis. É preciso haver uma descentralização do papel do professor para os alunos ganhar autonomia na sua vida escolar e até mesmo em sociedade, fazendo os professores aprender com os alunos gerando uma troca de conhecimento para ambos. (Pergunta aberta, ver anexo).

## 5. CONCLUSÃO

Percebemos que a tecnologia promove mais interatividade, as aulas ficam mais dinâmicas e significativas, e ainda possibilitam ao educando conhecer múltiplas linguagens, semioses, colaborando para sua autonomia e intimidade com o mundo globalizado. A pesquisa mostrou dados de como as professoras se portam diante da utilização das tecnologias em suas aulas. Foi possível, realizar por meio dos questionários, colher relatos fundamentais a esta pesquisa.

Ambas as professoras entrevistadas fazem uso da tecnologia em suas aulas. Isso pode significar que as tecnologias estão a dar nova roupagem às aulas de Língua Inglesa. O uso do computador é a tecnologia mais usada entre as professoras, mas elas, no entanto, utilizam apenas para fins de tradução e alguma pesquisa.

No que tange ao uso do laboratório de informática, identificamos que o uso ainda é restrito. Outro detalhe importante que observamos é a quantidade de computadores no laboratório. A quantidade insuficiente é uma questão relevante. É importante haver mais computadores em relação ao número de alunos para que as atividades propostas pelo professor possam fluir de acordo com o planejado e a manutenção frequente das máquinas para não haver imprevistos. Mesmo que a escola não promova um preparo para os professores e acreditamos que (isso não depende apenas da escola) ela colabora incentivando-os ao uso e isso é um grande passo.

Para o planejamento dessa aula é necessária uma elaboração mais complexa, já que precisa de empenho, criatividade, intimidade de quem vai aplicar. Fica evidente que ambas as professoras tem a consciência de que as tecnologias são essenciais no meio escolar, mas que muitas vezes se sentem inseguras por não terem sido qualificadas para trabalharem com essa diversidade de recursos, o que naturalizaria o uso frequente eficaz e diverso (não só com fins de pesquisa de conteúdo e tradução). As professoras garantem que a aprendizagem com o uso das tecnologias torna a aula mais interessante quando feito de maneira “correta” para evitar “dispersão”.

É sabido que globalização causou impacto e mudança: tecnologias diversas e Internet, novos comportamentos, consequências na sala de aula, uma vez que ela é microcosmo da sociedade. Utilizá-la é descentralizar o papel do professor e não esquecer do objetivo principal que é a construção do conhecimento significativo, crítico. A Internet dita a comunicação, é dinâmica e complexa e está presente em muitos aparatos tecnológicos. O número de estudantes com esses aparelhos tecnológicos é crescente, já que é objeto de consumo. Devido à facilidade que proporcionam no cotidiano das pessoas, o uso bem direcionado pelos educadores proporciona interesse, ludicidade, engajamento e aprendizagem, entre outros. Mas é preciso haver intimidade com tantas semioses para os alunos não usarem de maneira incorreta.

Desse modo, seria uma boa alternativa explorar diversos recursos tecnológicos e aproximá-los da sala de aula. Como podemos ver no discurso das professoras, há por parte delas, predisposição em acompanhar os já “nativos digitais” nas aulas de Língua Inglesa.

Na pesquisa realizada, apresentam-se as conclusões a respeito das TICs na sala de Língua Inglesa. A expectativa ao término desta monografia é de incentivar os professores a fazer esse uso na sala de aula. Porém mesmo que existam crenças ou algumas dificuldades apresentadas é importante fazer o possível para adaptar isso no cotidiano escolar. No contexto

educacional, as vezes a tecnologia é vista como distração e que pode atrapalhar o desenvolvimento do aprendizado do aluno, mas diferente disso o professor como mediador tem essa missão de tornar isso a favor do ensino.

Este estudo iniciou-se a partir de uma reflexão sobre a necessidade das TICs em sala, o que levou à conclusão de que a qualidade do ensino também depende dela. Através da tecnologia, pode-se inovar as aulas e torná-las interessantes e críticas, e nada mais agradável do que aprender uma nova língua com as tecnologias voltadas a seu favor.

Dessa maneira, além de uma inovação no modo de ensino, a mesma leva a construção do aprendizado e aproxima o estudante da sua realidade. Assim a prática docente precisa se adaptar a essas modificações, pois a escola tem que adaptar o meio de ensino de acordo com o andamento tecnológico. Mas se faz necessário o planejamento do professor nesse processo de ensino aprendizagem, ou seja, a utilização desses recursos deve estar adequada ao assunto estudado.

O método apresentado pode ser utilizado com a intenção de facilitar os conteúdos de estudo não apenas na LI, como também em qualquer outra disciplina. Sendo assim, acreditamos que as TICs são indispensáveis às aulas de Língua Inglesa e fundamental para se chegar a uma educação mais dinâmica e de qualidade, sendo essencial para a formação de cidadãos críticos e reflexivos.

Para finalizar, acho necessária a aplicação desses recursos na sala de aula. Os mesmos contribuem para que os alunos fiquem mais atentos e engajados nas aulas, contribuindo para mudanças positivas na prática pedagógica.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Silvana Fernandes de. **A DOCÊNCIA DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO NA RELAÇÃO COM OS LETRAMENTOS CRÍTICOS: POR UMA FILOSOFIA DA PRÁXIS**. 2016. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2016.

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. Papyrus editora, 2013.

AZZARI, E. F.; LOPES, J. G. **Interatividade e tecnologia: multiletramentos e materiais didáticos digitais aplicados ao ensino de línguas na escola**, In: 4º SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO, 2012, Recife. Anais... Recife: 2012. Disponível em: <<http://nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2012/ElianeAzzari&JGabrielLopes-Interatividadeetecnologia.pdf>>. Acesso em 10 maio 2019.

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. **Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.

GONÇALVES, A. V.; SILVA, W. R.; GÓIS, M. L de S. **Visibilizar a linguística aplicada: abordagens teóricas e metodológicas**. In: Savio Siqueira. Campinas: Pontes, 2014.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, p. 129-148, 2006.

LEFFA, Vilson J. **Transdisciplinaridade no ensino de línguas A perspectiva das Teorias da Complexidade**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 6, n. 1, p. 27-49, 2006.

MACHADO, Fernanda Ramos. **O uso de ferramentas de TIC em cursos de Letras Inglês: crenças de professores e alunos**. Anais do CELSUL. Santa Catarina: UFFS, 2008.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. **Usos e abusos dos estudos de caso**. Cadernos de pesquisa, v. 36, n. 129, p. 637-651, 2006.

PAIVA, V.L.M de O. **Aplicativos móveis para aprendizagem de língua inglesa**. Polifonia, Cuiabá-MT, v. 24, n. 35/1, p. 10-31, jan-jun. 2017. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/6025/pdf> Acesso em: 12 fev, 2019.

ROJO, Roxane et al. **Escola conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

SALBEGO, Nayara. **TIC na aprendizagem autônoma de inglês**. Revista Educação, artes e inclusão, v. 9, n. 1, p. 10-33, 2014.

SILVA, Kleber Aparecido da. **Crenças sobre o ensino e aprendizagem de línguas na Linguística Aplicada: um panorama histórico dos estudos realizados no contexto brasileiro**. Revista Linguagem & Ensino, v. 10, n. 1, p. 235-271, 2007.

## ANEXOS

## PROFESSORA (A)

24/04/2019 Questionário sobre tecnologias na sala de aula

### Questionário sobre tecnologias na sala de aula

TCC KELLINNE SILVA MILHOMEM

**\*Obrigatório**

**1. 1. Você faz uso de recursos tecnológicos na sala de aula? \***  
*Marcar apenas uma oval.*

SIM  
 NÃO

**2. 2. Em caso positivo, quais tecnologias? \***  
*Marque todas que se aplicam.*

Aparelho de som  
 computador  
 Data show  
 Tablets  
 Lousa digital  
 Aplicativos de celular  
 Outros

**3. 3. Você foi capacitado para trabalhar com os recursos tecnológicos na sala de aula? \***  
*Marcar apenas uma oval.*

SIM  
 NÃO

**4. 4. O laboratório de informática é utilizado frequentemente por professores e alunos? \***  
*Marcar apenas uma oval.*

Sempre  
 Nunca  
 Uma vez por semana  
 Mais de uma vez por semana  
 De vez em quando

**5. 5. Qual o número de computadores no laboratório? \***  
*Marcar apenas uma oval.*

Menos de 10 computadores  
 Entre 10 e 20  
 Mais de 20 computadores

[https://docs.google.com/forms/d/117fA-IHXtSkyswH6y83WdUJ234inoWDT07oU0vU\\_o3tU/edit](https://docs.google.com/forms/d/117fA-IHXtSkyswH6y83WdUJ234inoWDT07oU0vU_o3tU/edit) 1/2

24/04/2019

Questionário sobre tecnologias na sala de aula

**6. 6. A escola motiva os professores a utilizarem tecnologias nas suas aulas? \***  
*Marcar apenas uma oval.*

SIM  
 NÃO

**7. 7. O uso dessas tecnologias faz parte do planejamento de suas aulas? \***  
*Marcar apenas uma oval.*

SIM  
 NÃO

**8. 8. Como você percebe se a aprendizagem dos alunos é eficaz a partir do uso dos recursos tecnológicos? \***  
*Marcar apenas uma oval.*

Continua sem estímulo  
 Mais significativa  
 Melhorou, mas não é o suficiente

## QUESTIONÁRIO

- 9 1. Você acha que a tecnologia colabora para o ensino da Língua Inglesa?

Sim. faz com que o aluno tenha mais interesse em participar das aulas.

- 10 2. O laboratório de informática é acessível? Conte um pouco o acesso a ele.

Sim. O agendamento é feito com antecedência e tem que constar no planejamento do professor. Pesquisas, atividades relacionadas a traduções sempre faz com que os alunos usem.

- 11 3. Conte-nos um pouco se você acha que a tecnologia tem aspectos positivos e/ ou negativos.

Positivos quando trabalhado correlatamente. Sempre acompanhando os alunos para eles não fugirem do foco.



**PROFESSORA (B)**B  
24/04/2019

Questionário sobre tecnologias na sala de aula

**Questionário sobre tecnologias na sala de aula**

TCC KELLINNE SILVA MILHOMEM

**\*Obrigatório****1. 1. Você faz uso de recursos tecnológicos na sala de aula? \****Marcar apenas uma oval.*

- SIM  
 NÃO

**2. 2. Em caso positivo, quais tecnologias? \****Marcar apenas uma oval.*

- Aparelho de som  
 computador  
 Data show  
 Tablets  
 Lousa digital  
 Aplicativos de celular  
 Outros

**3. 3. Você foi capacitado para trabalhar com os recursos tecnológicos na sala de aula? \****Marcar apenas uma oval.*

- SIM  
 NÃO

**4. 4. O laboratório de informática é utilizado frequentemente por professores e alunos? \****Marcar apenas uma oval.*

- Sempre  
 Nunca  
 Uma vez por semana  
 Mais de uma vez por semana  
 De vez em quando

**5. 5. Qual o número de computadores no laboratório? \****Marcar apenas uma oval.*

- Menos de 10 computadores  
 Entre 10 e 20  
 Mais de 20 computadores

24/04/2019

Questionário sobre tecnologias na sala de aula

**6. 6. A escola motiva os professores a utilizarem tecnologias nas suas aulas? \****Marcar apenas uma oval.*

- SIM  
 NÃO

**7. 7. O uso dessas tecnologias faz parte do planejamento de suas aulas? \****Marcar apenas uma oval.*

- SIM  
 NÃO

**8. 8. Como você percebe se a aprendizagem dos alunos é eficaz a partir do uso dos recursos tecnológicos? \****Marcar apenas uma oval.*

- Continua sem estímulo  
 Mais significativa  
 Melhorou, mas não é o suficiente

## QUESTIONÁRIO

1. Você acha que a tecnologia colabora para o ensino da Língua Inglesa?

Sim. Vivemos na Era da tecnologia e o aluno precisa dessas vivências para aprimorar as habilidades exigidas em Língua Inglesa.

2. O laboratório de informática é acessível? Conte um pouco o acesso a ele.

Sim, mas temos dificuldades pois nem todos estão interligados na rede. E muitos estão com defeitos

3. Conte-nos um pouco se você acha que a tecnologia tem aspectos positivos e/ ou negativos.

O aspecto positivo é que o aluno pode ter a informação ao alcance da mão. Por outro lado, muitos fazem mau uso dessa conquista.